



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS  
BACHARELADO EM BIOLOGIA

**CARINA DE OLIVEIRA**

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE  
BOLA VERDE, TEOFILÂNDIA, BAHIA**

Cruz das Almas

2012

**CARINA DE OLIVEIRA**

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE  
BOLA VERDE, TEOFILÂNDIA, BAHIA**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Biologia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

**Cruz das Almas, Bahia**

**2012**

## FICHA CATALOGRÁFICA

O48

Oliveira, Carina de.

Levantamento etnobotânico na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia / Carina de Oliveira.\_ Cruz das Almas, BA, 2012.

54f.; il.

Orientador: Márcio Lacerda Lopes Martins.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas.

1.Plantas medicinais - Uso. 2.Etnobiologia – Bahia – Nordeste.  
I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. II. Título.

CDD: 581.634

**CARINA DE OLIVEIRA**

**LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE  
BOLA VERDE, TEOFILÂNDIA, BAHIA**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Biologia, do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr. Alexander Américo Amasssy Júnior  
CCAAB – UFRB**

---

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Daniel Melo de Castro  
CCAAB – UFRB**

---

**Prof<sup>o</sup>. MSc. Márcio Lacerda Lopes Martins  
CCAAB – UFRB**

Cruz das Almas, Bahia

2012

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela generosidade.

Aos meus pais, Vanda Maria de Oliveira e Grigorio de Oliveira, por ter acreditado no meu sonho e ter feito todos os esforços para que eu alcançasse essa conquista. Dedico a vocês amores da minha vida. Me orgulho imensamente por ter pais com vocês. Amos vocês mais que tudo nessa vida!!!!!!

Aos meus irmãos deixei a lição de que quando se tem coragem e determinação vamos muito mais longe do que imaginamos. Aprendi com vocês o que o grande Raul Seixas tanto clama “coragem, coragem se o que você quer é aquilo que pensa e faz, coragem, coragem eu sei que você pode mais, muito mais!”.

À minha vó Bidô que tanto amo, muito obrigada minha querida!

À comunidade Bola Verde por acreditar no nosso trabalho, pela paciência e gentileza. Sem a participação de vocês não seria possível a realização do mesmo.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup>. MSc. Márcio Lacerda L. Martins pelo seu comprometimento e verdadeira preocupação com meu aprendizado durante esses anos, agradeço pelos ensinamentos, motivações, dedicação e especialmente pela paciência.

A Dyego por me incentivar a enfrentar os meus medos, sempre me apoiando a novas conquistas, demonstrando que tudo que eu quiser ser e/ou fazer, conseguiria. Não me esqueço das primeiras conversas lá no Plínio, você me enchendo a cabeça para fazer cursinho, a partir daí veio milhares de surpresas (boas e ruins), e você sempre ensinando-me a erguer e dá a volta por cima.

Às colegas Reiza e Carine pelas incansáveis elaborações dos tapetes dicotômicos, coberto nas horas frias do herbário.

À Larissa pela paciência e calma transmitida, pelas deliciosas tardes de futsal e handebol, a Thamyres pelos banhos de água fria “Amiga, a prova é amanhã! Pelo amor de Deus acorda!!!”, a Gabriela pela gentileza sempre ofertada e a Reiza por sempre ouvir meus blá blá blá amoroso, com aquela frase “relaxe que vai dar tudo certo”.

Aos colegas do Insecta, em especial Nanda por esse seu jeitinho meigo e desastrado que cativa a todos, a Maiara, Adailton e Roberto pelo apoio.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O conhecimento sobre plantas medicinais muitas vezes representa o único recurso terapêutico para as comunidades. O presente trabalho tem como objetivo fazer o levantamento etnobotânico sobre o conhecimento e o uso das plantas medicinais da comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia. Foram entrevistados 72 moradores que informaram 83 espécies utilizadas com finalidade medicinal e mística. A maioria era do sexo feminino. As três classes de faixa etária mais representativas foram entre 51-60 anos (24%), 61-70 anos (20%) e 21-30 anos (19%). O preparo dos remédios caseiros foi possível destacar a utilização das folhas como maioria, seguidas de cascas, flores, raízes, frutos e sementes. Foram citados como formas de uso banho, banho-de-assento, chá, xarope ou/e lambedor, garrafada, gargarejo e solução alcoólica. Os modos de preparo mais utilizados para o chá foram decocção (87,5%) e infusão (12,5%). Quanto à religião, 83,3% declararam-se católicos, 12,5% evangélicos, 1,3% católico/rezadores e 2,7% sem religião definida. Foram mencionados 61 problemas de saúde. O problema mais recorrente está relacionado ao sistema respiratório (29%) seguido de digestório (22%), nervoso (14,5%), excretor (12%), cardíaco (12%), reprodutor feminino (7,4%), reprodutor masculino (3,1%). O número de espécies utilizadas pelos entrevistados para cultuar seus deuses, afastar os males e forças sobrenaturais é pouco representativo (8,4%).

Palavras-chave: Plantas medicinais, Caatinga, Utilização terapêutica.

## **ABSTRACT**

The knowledge of medicinal plants is often the only therapeutic resource for communities. This paper aims to survey on ethnobotanical knowledge and use of medicinal plants of the community Ball Green, Teofilândia, Bahia. We interviewed 72 residents who reported 83 species used for medicinal and mystical purpose. Most were female. The three classes were more representative age between 51-60 years (24%), 61-70 years (20%) and 21-30 years (19%). The preparation of remedies was possible to highlight the use of the leaves as most, followed by bark, flowers, roots, fruits and seeds. Were cited as ways to use bathroom, shower-of-seat, tea, syrup and / or licking, gargling and alcoholic solution. The most commonly used modes of preparation for tea decoction were (87.5%) and infusion (12.5%). Regarding religion, 83.3% declared themselves Catholic, 12.5% Evangelical, 1.3% Catholic and blesser, 2.7% no defined religion. 61 were mentioned health problems. The most recurrent problem is related to the Respiratory System (29%) followed by Digestive (22%), nervous (14.5%), Excretory (12%), Heart (12%), female player (7.4%), Reproductive males (3.1%). The number of species used by respondents to worship their gods and ward off evil supernatural forces is unrepresentative (8.4%).

Keywords: Medicinal plants, Caatinga, Therapeutic use.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica do Município de Teofilândia, Bahia, inserido na Região o Sisal.....	23
Figura 2 - Núcleo da comunidade Bola Verde, Município de Teofilândia, Bahia.....	23
Figura 2.a - Ruas principais da comunidade Bola Verde, Município de Teofilândia, Bahia.....	24
Figura 3 - Faixa etária dos entrevistados na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia.....	27
Figura 4 - Partes utilizadas das plantas medicinais pela comunidade Bola Verde.....	28
Figura 5 - Formas de preparo das plantas medicinais utilizadas pela comunidade Bola Verde.....	29
Figura 6 - Os modos de preparo mais utilizados para o chá na comunidade Bola Verde.....	29
Figura 7 - Religiões dos entrevistados da comunidade Bola Verde.....	31
Figura 8 - Percentual de espécies citadas por grupo de doenças da comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia.....	33



## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Espécies encontradas na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia.....	35
---	----

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1. Etnobotânica .....	12
2.2. Conhecimento tradicional .....	14
2.3. Etnobotânica na Bahia .....	18
2.4. Retorno da Etnobotânica à comunidade.....	20
3. OBJETIVOS.....	21
3.1. Objetivo geral: .....	21
3.2. Objetivos específicos:.....	21
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	22
4.1. Área de Estudo.....	22
4.2. Entrevistas.....	24
4.3. Coleta e Preparação do material botânico .....	25
4.4. Retorno à comunidade .....	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	26
5.1. Entrevistas com a comunidade .....	26
5.2. Entrevistas com as autoridades locais (prefeito e secretário) .....	31
5.3. Utilização na medicina popular.....	32
5.4. Utilização mística e religiosa .....	33
5.5. Identificação taxonômica e uso .....	33
5.6. Retorno à comunidade.....	40
6. CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	50

## 1. INTRODUÇÃO

O uso das plantas medicinais e o conhecimento terapêutico é cada vez mais frequente entre as comunidades. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), 80% da população dos países em desenvolvimento busca na medicina popular recursos para os primeiros cuidados a sua saúde e é através dos chamados profissionais tradicionais que obtém indicações necessárias para a cura das suas afecções (SILVA, 2003).

O conhecimento terapêutico dos recursos vegetais é uma prática milenar que vem crescendo juntamente com o desenvolvimento da população humana (SILVA, 2003; CUNHA, 2008). Desde os primórdios das civilizações o ser humano utiliza as plantas para se alimentar e trazer alívio às doenças, utilizando-se da informalidade para transmitir seus conhecimentos (PITMAN, 1996; MARCIEL, 2002; TOMAZZONI, 2006; FRANCO, 2006).

Com o advento da globalização este cenário se modificou. Os meios de comunicação se expandiram e o conhecimento e o saber tradicional tornaram-se mais acessíveis, contribuindo para a divulgação do uso das plantas medicinais (ARAUJO, 2009). Nos últimos anos houve um crescente interesse, tanto dos órgãos públicos quanto dos privados, pelas campanhas farmacêuticas dando prioridade às pesquisas com enfoque nas plantas medicinais. A OMS reconheceu a importância da utilização desses vegetais como práticas alternativas e complementares aos recursos terapêuticos, e recomendou que o Ministério da Saúde elaborasse normas, descritas na portaria nº 6/MS/SNVS, de 31 de janeiro de 1995, objetivando o aprimoramento da qualidade dos produtos de origem vegetal já comercializados (BRASIL, 1995).

Um dos fatores que impulsionou o interesse pelas plantas medicinais foi a comprovação da eficácia de substâncias originadas de espécies vegetais, as quais são fundamentais para realização de certos tratamentos. Pode-se citar *Anacardium occidentale* L. (FALCÃO, 2005); *Bidens pilosa* L. (HAIDA, 2007); *Eugenia uniflora* L. (LIMA, 2006) entre outras, todas com registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Apesar disso, o Brasil ainda carece de estudos que venham garantir a utilização sustentável desses vegetais. A etnobotânica é uma importante ferramenta que pode auxiliar nesse sentido. Os estudos etnobotânicos têm por finalidade analisar a relação entre o ser humano e as espécies vegetais, através do resgate do

conhecimento popular, auxiliando novas descobertas científicas (POSEY, 1992). A intensificação desses estudos pode proporcionar novos conhecimentos sobre os recursos vegetais, servindo como ferramenta para definir estratégias de utilização e conservação das espécies nativas e seus potenciais (FONSECA-KRUEL, PEIXOTO, 2004).

A região Nordeste é ocupada quase que totalmente pelo bioma caatinga. A exploração desta vegetação ainda hoje é fundamentada em processos extrativistas que oferecem suporte à atividades pastoril, agrícola e madeireira. Esta prática pode trazer perdas irreversíveis para a diversidade florística e faunística entre outros problemas ambientais. Devido a esse tipo de exploração a caatinga já apresenta 15% de sua área em processo de desertificação (DRUMOND, 2000).

Muitas etnoespécies vem sofrendo ameaça de extinção devido a práticas exploratórias, como por exemplo *Sideroxylon obtusifolium* (Humb. ex. Roem. & Schult.) T.D.Penn., “quixabeira”, árvore típica da Caatinga (MMA, 1992). Diante dessa realidade e da grande necessidade da população em utilizar os recursos naturais, principalmente as plantas medicinais, se faz necessário e urgente o desenvolvimento de estudos que analisem a percepção que o ser humano tem sobre o ambiente em que ele vive, pois o conhecimento acumulado pelas populações locais constitui uma importante ferramenta para o desenvolvimento e a conservação dessas áreas (ALBUQUERQUE, 2002).

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1. Etnobotânica**

As relações dos seres humanos com o meio ambiente vem sendo objeto de diversos estudos. A Etnobotânica é uma das disciplinas que observa e interpreta essa relação e permite resgatar o saber botânico tradicional particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (GUARIN NETO et al., 2000).

Acredita-se que o primeiro a utilizar o termo “etnobotânica” foi o americano Harshberger (1896), que ficou conhecido como o responsável por divulgar os conceitos desse estudo. Entretanto, Amorozo (1996) afirma que esse autor apenas

demonstrou como os estudos etnobotânicos poderiam auxiliar nas pesquisas científicas de outras áreas do conhecimento.

São muitas as definições para esta ciência. Posey (1992) descreve-a como uma ciência multidisciplinar que analisa, através do saber popular, as diversas relações existentes entre a espécie humana e o reino vegetal.

Amorozo (1996) define como sendo o estudo do conhecimento e dos conceitos criados dentro de cada sociedade a respeito do mundo vegetal, levando em consideração o modo como classifica as plantas e como elas são utilizadas.

Alves (2007) entende a etnobotânica como o estudo das relações existentes, tanto no passado quanto no presente, na sociedade e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas.

Para Albuquerque (1997) a etnobotânica é uma disciplina que funciona como ferramenta de investigação para analisar a relação homem/planta, e que vem ganhando importância por atingir diversas áreas de estudo e possuir diferentes valores ideológicos.

De um modo geral as pesquisas etnobotânicas vem contribuindo para entender melhor as relações existentes entre o ser humano e as plantas. É possível utilizar este conhecimento para planejar novas formas de uso da natureza de modo sustentável e desenvolver pesquisas de cunho farmacológico, fitoquímico e agrônomo, poupando tempo e dinheiro (SCHARDONG & CERVI, 2000). Sousa (2010) afirma que estudos etnobotânicos poderão auxiliar o desenvolvimento de trabalhos sustentáveis em biodiversidade através do reconhecimento do saber popular, e do incentivo a estudos científicos e tecnológicos voltados para o uso dos recursos naturais. Este tipo de estudo permite ainda inferir sobre a eficácia dos produtos que atingem o mercado de produção de chás, xaropes, cremes entre outros (SOUZA & FELFILI, 2006). Para Lima (1996) o registro de informações etnobotânicas, assim como estudos de viabilidade de mercado de plantas promissoras e análise de princípios ativos de espécies utilizadas na medicina popular, são metas que devem ser atingidas para melhorar o conhecimento desta área em estudo, visando um manejo mais adequado de seus recursos, com resgate e valorização da cultura local.

Andrade (2002) identificou no Sertão da Bahia nos municípios de Valente, Queimadas, São Domingos, Santaluz e Canudos, oito tipos de uso para espécies da família cactaceae. São eles alimentação, ornamentação, medicina, rituais religiosos, brincadeiras, caseiro, erótico e com valor comercial. Isso demonstra a importância dos estudos etnobotânicos, pois sem os mesmos não seria possível o resgate dessas informações.

Guarim Neto (2000) sugere que o resgate do conhecimento popular obtido na sua pesquisa será fundamental para a conservação da diversidade biológica, para as alternativas de subsistência e manutenção das múltiplas culturas.

O valor dessa ciência para analisar as diversas utilidades que as plantas têm para o ser humano é imensurável, e uma das áreas que mais se destaca é a investigação das plantas medicinais usadas pelas comunidades rurais, que muitas vezes as têm como a maneira mais viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde (PINTO, 2006).

As informações acumuladas durante as pesquisas etnobotânicas têm auxiliado os cientistas a elaborarem modelos de uso sustentável dos recursos naturais (ALBUQUERQUE 1997, 1999). Contudo, os estudos realizados no Brasil ainda são incipientes. Albuquerque & Andrade (2002) observam que existe uma forte pressão sobre o bioma caatinga para atender as demandas do comércio em todo estado pernambucano. Resultados semelhantes são encontrados em Fonseca & Sá (1997). Ambos autores percebem que a forte ação antrópica vem trazendo diversos prejuízos e perdas para os variados ecossistemas brasileiros e a diversidade cultural das comunidades. A elaboração de políticas públicas criando projetos baseados no extrativismo sustentável seria uma ferramenta auxiliadora na conservação dessas espécies, já que as comunidades, muitas vezes utilizam esses recursos vegetais como a única fonte de renda.

## **2.2. Conhecimento tradicional**

No Brasil diversos estudos buscam resgatar e valorizar o conhecimento tradicional presente nas comunidades sobre os vegetais (AMOROZO 2002;

FONSECA-KRUEL 2004; GUARIM NETO 2003; NUNES 2003; TOMAZZONI 2006; AZEVEDO 2006; VENDRUSCOLO 2006; PUCCI 2009; SILVA 2002, 2011). Na região Nordeste destacam-se os de Albuquerque (1994, 2002,); Almeida (2002); Melo (2007); Oliveira (2009) e Alencar (2012).

Os estudos etnobotânicos têm este conhecimento como base para o seu desenvolvimento. Através dele é possível compreender as relações existentes entre os seres humanos e as plantas que dão suporte a esta ciência.

Para Diegues (2000) o conhecimento tradicional é definido como uma coleção de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, que é passado de forma oral para as novas gerações. E que dentro dos diversos grupos sociais ditos tradicionais, principalmente os indígenas, existe uma ligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Para estes grupos não há divisão entre o “natural” e o “social”, mas sim uma complementação de um pelo outro. Para Martin (2000) o conhecimento tradicional ou conhecimento popular se refere ao saber que as populações locais tem sobre o ambiente. Diegues (2000), afirma que algumas características definem uma população como tradicional. São elas:

“Conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral”; “Importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas”; “Noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente”; “Moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados”; “Importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais”; “A tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final”.

Este saber é uma ferramenta que vem sendo bastante utilizada no meio científico. Muitos pesquisadores, em busca de novos produtos de valor comercial, se apropriam do conhecimento tradicional para economizar tempo e dinheiro. Com isso as indústrias chegam a economizar milhões de dólares, pois as informações coletadas encurtam o caminho das pesquisas. Dados do Instituto Nacional de

Propriedade Intelectual – INPI – revelam que as indústrias chegam a economizar até 400% em tempo de pesquisa quando se usa este conhecimento (LIMA, 2003; BATISTA, 2005).

O conhecimento tradicional pode auxiliar trabalhos sobre o uso sustentável da biodiversidade através da valorização e do resgate do conhecimento empírico existente dentro das sociedades, tendo como base os sistemas de manejo, incentivando a geração de conhecimento científico e tecnológico visando sustentabilidade dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL & PEIXOTO, 2004).

É possível observar, quando se relaciona as informações obtidas pelas populações tradicionais sobre a flora medicinal com estudos químico/farmacológicos, que há um ganho significativo na descoberta de novos fármacos e um aumento na eficiência da bioprospecção, trazendo benefícios para a ciência e para a economia (SHIVA, 2001). Este conhecimento é muito importante na manutenção das espécies medicinais e variedades nativas. Entretanto segundo Brito (2003), as plantas medicinais e o conhecimento tradicional associado encontram-se ameaçados devido a grande destruição dos ecossistemas entre outros fatores. Desta forma, o desenvolvimento de estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais aliados ao saber popular e os impactos sobre a diversidade biológica são fundamentais para conservação da mesma (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002), uma vez que esta ciência observa os impactos provocados pela utilização desordenada dos vegetais, informa as espécies ameaçadas de extinção e as causas deste processo, esclarece os danos causados pelo desmatamento e promove a conscientização das comunidades mostrando a importância dos manejos sustentáveis.

De maneira geral, a junção das diversas informações sobre uso de recursos naturais por estas sociedades tradicionais vem contribuindo nas pesquisas, de modo a desenvolver modelos de uso sustentável para esse mesmo ambiente natural (ALBUQUERQUE 1997, 1999). Entretanto, sustentar e dar continuidade a este tipo de conhecimento vem se tornando cada vez mais difícil. O êxodo rural aliado ao desinteresse dos jovens por este conhecimento vem provocando perdas de informações importantes associadas aos recursos vegetais. Neste sentido, o resgate deste saber necessita de maior atenção, principalmente devido ao rápido processo de aculturação e à erosão genética advinda da forte atividade humana e uso insustentável dos recursos naturais (FREITAS et al., 2012).



Algumas medidas foram tomadas quanto a utilização e apropriação do conhecimento tradicional e da biodiversidade. Em 1992, no Rio de Janeiro, foi aprovado o texto da Convenção sobre Diversidade Biológica, assinada durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento que tem como objetivos

“a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos, mediante, inclusive, o acesso adequado aos recursos genéticos e a transferência adequada de tecnologias pertinentes, levando em conta todos os direitos sobre tais recursos e tecnologias, e mediante financiamento adequado.”

Esse mesmo texto traz no seu artigo 8(j), tentativas de defesa dos direitos das comunidades locais e indígenas relacionados a utilização dos recursos genéticos provenientes da biodiversidade de seus territórios. Desta maneira cada parte contratante deve,

“Em conformidade com sua legislação nacional, respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas das comunidades locais e populações indígenas com estilo de vida tradicionais relevantes à conservação e à utilização sustentável da diversidade biológica e incentivar sua mais ampla aplicação com a aprovação e a participação dos detentores desse conhecimento, inovações e práticas; e encorajar a repartição equitativa dos benefícios oriundos da utilização desse conhecimento, inovações e práticas” (ONU,1992, artigo 8j).

Três anos mais tarde foi criado o Acordo sobre os Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio (ADPIC) – ou Agreement on Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights (TRIPS) – Este veio a contrastar com algumas regulamentações descritas na CDB dificultando ainda mais a elaboração de leis que protejam o conhecimento tradicional, pois o mesmo garante que empresas biotecnológicas assegurem e monopolizem tanto o produto final, quanto os próprios conhecimentos dos indígenas através do direito de realizar patentes (OMC, 1994). As exigências criadas para o patenteamento de matérias (que devem ser novas, envolver passos inventivos e serem suscetíveis de aplicação industrial) possibilitou excluir a proteção aos conhecimentos tradicionais contra a apropriação pelas indústrias biotecnológicas (LEITE, 2009).

Em contrapartida o Brasil começa criar leis para a biodiversidade brasileira. O Projeto de Lei nº306/95 que mais tarde foi aprovado na forma de medida provisória editada pelo Poder Executivo, basicamente busca criar leis que garantam os direitos coletivos das comunidades indígenas, dando ênfase à preocupação socioambiental. Tal preocupação destaca-se no seu 1º artigo que encarrega o Estado Brasileiro de preservar a diversidade, a integridade e a utilização dos recursos genéticos do país, a participação das comunidades tradicionais e populações indígenas nas decisões que envolvam o acesso aos recursos genéticos nas áreas que elas ocupam; proteção e incentivo à diversidade cultural, valorizando-se os conhecimentos, inovações e práticas das comunidades entre outros deveres. No mesmo documento ficou determinado que o Poder Público deve proteger e reconhecer os direitos das comunidades locais e indígenas, proporcionando beneficiamento coletivamente do uso de seus conhecimentos tradicionais e sejam ressarcidas pela conservação dos recursos genéticos, mediante pagamento, direitos de propriedade intelectual ou outros mecanismos (BRASIL, 1995).

Outro projeto de lei foi elaborado pelo deputado Jacques Wagner. Neste, o parágrafo único do art. 46 chama atenção, pois assegura que:

"As comunidades locais e populações indígenas poderão negar o acesso a recursos genéticos existentes nas áreas por eles ocupadas, ou o acesso a conhecimentos tradicionais a eles associados, quando entenderem que estas atividades ameaçam a integridade de seu patrimônio natural ou cultural".

De maneira geral, observa-se que tanto o poder legislativo, quanto o executivo, vem criando e elaborando leis, medidas, objetivando contemplar os direitos das populações tradicionais, porém ainda há muito que se fazer para garantir a proteção do conhecimento tradicional.

### **2.3. Etnobotânica na Bahia**

O estado da Bahia possui 564.692,669 Km<sup>2</sup> de área territorial, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Nesse território se encontra parte da Mata Atlântica, que vem sofrendo grande devastação. De uma área original equivalente a 36% do território do Estado, hoje restam menos de 6%. O bioma Caatinga, por sua vez, perdeu cerca de 45% do seu território em 2009

(BRASIL, 2009). Estes e demais dados de destruição da flora são alarmantes e incitam à tomada de atitudes de proteção e conservação.

Diversos trabalhos de cunho etnobotânicos vêm sendo desenvolvidos na Bahia com o intuito de proteger seus recursos vegetais, observar quais as espécies mais utilizadas e se esse uso intensivo pode trazer risco de extinção, preservar o conhecimento tradicional e fazer dele uma ferramenta de manejo para a conservação da flora local entre outros. A Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia (SEPLANTEC) publicou a mais de três décadas o Inventário de Plantas Medicinais do Estado da Bahia, que reúne diversas espécies medicinais e seus usos. Desde então outros trabalhos foram realizados em diversas regiões do estado. Dentre estes pode-se citar Andrade (2002) para o semi-árido; Santana (2008) para a região metropolitana de Feira de Santana; Moreira (2002) e Pinto (2006) para a região Sul; Rodrigues (2006) para o Recôncavo; e Sousa (2007), para a região metropolitana de Salvador. No entanto, há poucos trabalhos etnobotânicos sendo realizados semi-árido nordestino (ALBUQUERQUE, 2002). Este fato, associado à grande degradação da vegetação destes ecossistemas, amplifica a necessidade de se criar ferramentas de proteção para essa flora.

Tentando mudar essa realidade, algumas universidades, escolas, Organizações Não Governamentais (ONGs) entre outros órgãos, vem buscando inserir as comunidades locais e resgate do conhecimento popular sobre as plantas medicinais no estado da Bahia. Um bom exemplo é o grupo ERVAS (Programa Ervanários do Recôncavo de Valorização da Agroecologia Familiar e da Saúde), programa desenvolvido pelo Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que tem como objetivos realizar a integração e o fortalecimento da agroecologia no âmbito da agricultura familiar na Região do Recôncavo, nos municípios de Amargosa, Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus, buscar a diversificação da produção a partir da inclusão das plantas medicinais, promover o resgate do conhecimento popular sobre estas plantas, incentivar a saúde preventiva, diminuir os custos do poder público municipal, realizar levantamentos etnobotânicos e etnofarmacológicos, entre outros. Tudo isso buscando atender da melhor maneira as necessidades das comunidades. Outro exemplo é o Projeto de Popularização de Oficinas Comunitárias (POC), advindo do ERVAS. Este projeto objetiva a capacitação de multiplicadores do conhecimento sobre o tema “plantas medicinais”, despertar em jovens e adultos o

interesse por essas plantas, buscando resgatar o conhecimento tradicional e entender qual a ligação com o saber científico; inclusão social entre outros.

O desenvolvimento de um espaço etnobotânico dentro do Jardim Botânico de Salvador também representa outra ferramenta de proteção. Nele são observadas as espécies vegetais ligadas à cultura afro-brasileira. A Universidade Federal da Bahia (UFBA), por sua vez, desenvolve o Programa de Extensão Permanente Farmácia da Terra que tem como objetivo implantar a utilização de fitoterápicos no SUS e realizar pesquisas etnobotânicas.

Em menor escala, entretanto não menos importante, é possível destacar o Projeto Horto Medicinal, desenvolvido no Colégio Estadual Casa Jovem II, no município de Igrapiúna que recebeu o Prêmio Gestão Qualidade Bahia, da Associação Baiana para Gestão Competitiva e o Projeto Medicina Popular e Conhecimento Científico que nasceu com a perspectiva de identificar quais os recursos vegetais consumidos e comercializados nas feiras livres do município de Itapetinga e suas recomendações terapêuticas, e hoje é fonte de emprego e renda. É possível citar dezenas de trabalhos etnobotânicos na Bahia, entretanto, sua maioria está sendo desenvolvida nas proximidades das universidades, criando uma grande lacuna nas demais regiões. A capacitação de professores e agentes de saúde, através das prefeituras seria uma ferramenta importante para a divulgação desta ciência.

De modo geral, o estado carece de projetos que venham a acrescentar benefícios para as comunidades, que possam ajudar as famílias a descobrir manejos mais adequados, que aumentem a produção e que sejam sustentáveis.

#### **2.4. Retorno da Etnobotânica à comunidade**

No Código de Ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia (ISE, 2010) está previsto o retorno de resultados das pesquisas etnobiológicas para a comunidade. Nele os povos indígenas, sociedades tradicionais e comunidades locais têm o direito de compartilhar e ajudar as pesquisas etnobiológicas ou atividades relacionadas que envolvam seus conhecimentos e seus recursos.

O retorno deve ser entendido como uma atividade política, ética, constante e pensada de forma dialética, buscando auxiliar no desenvolvimento local, levando em consideração as dificuldades da comunidade e o interesse coletivo, trazendo dentro deste retorno dados que possam contribuir para entendimento e a valorização dos conhecimentos presentes na comunidade (ALBUQUERQUE et al., 2010; JORGE & MORAIS, 2003).

Para Steenbock (2006), esta metodologia pressupõe “a mobilização destes grupos para uma pesquisa que gere, na medida em que é desenvolvida, resultados práticos de valorização e promoção do conhecimento local para a melhoria da qualidade de vida”, unindo conservação e desenvolvimento local.

Existem muitas forma de por em prática esse retorno. Pode ser através da devolução dos dados sistematizados, ou seja, a devolução dos dados da pesquisa na forma de manuais, cartilhas, painéis expositivos, folders e similares (FONSECA-KRUEL et al., 2006; PATZLAF & PEIXOTO, 2007), além da entrega de cópias de artigos formalmente publicados, dissertações e teses.

Para Sieber e Albuquerque (2010), as oficinas e reuniões são as principais estratégias participativas realizadas em pesquisas etnobotânicas.

Retornar as comunidades com os dados copilados é essencial para a valorização dos seus conhecimentos, além de demonstrar os impactos ambientais dentro da localidade, fazendo-os refletirem sobre a utilização dos recursos entre outras questões.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo geral:**

Realizar o levantamento etnobotânico com enfoque no uso de plantas medicinais na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia.

#### **3.2. Objetivos específicos:**

-Identificar as espécies utilizadas com finalidade terapêutica;

- Registrar o conhecimento da população e sua relação com as plantas medicinais;
- Registrar o conhecimento que a comunidade tem sobre a conservação dos recursos naturais;
- Contribuir para a valorização do conhecimento local.

## **4. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1. Área de Estudo**

Dos 46 municípios que compõem a região semiárida da Bahia, Teofilândia (fig. 1) foi escolhido por apresentar a maioria da população na zona rural (69% dos 21.480 habitantes), utilização dos recursos vegetais como fonte terapêutica, alimentar, mística e/ou religiosa, grandes áreas desmatadas e uma distância relativamente grande (3km) da comunidade em relação a sede do município, o que dificulta a busca por assistência médica e medicamentos.

Dentro do município, a comunidade de Bola Verde (figura 2; 2a), apresenta cerca de 109 residências, igreja católica, escola municipal, posto de saúde desativado e quadra esportiva. A atividade econômica é voltada para plantação de feijão, mandioca, milho e hortaliças; na pecuária com a venda de bovinos, caprinos, ovinos, suínos e aves. Essa comunidade genuinamente rural, sempre teve contato com as plantas, entretanto carece de estudos que avaliem seu conhecimento sobre a flora regional e que possam ser usados como ferramentas para sua conservação.

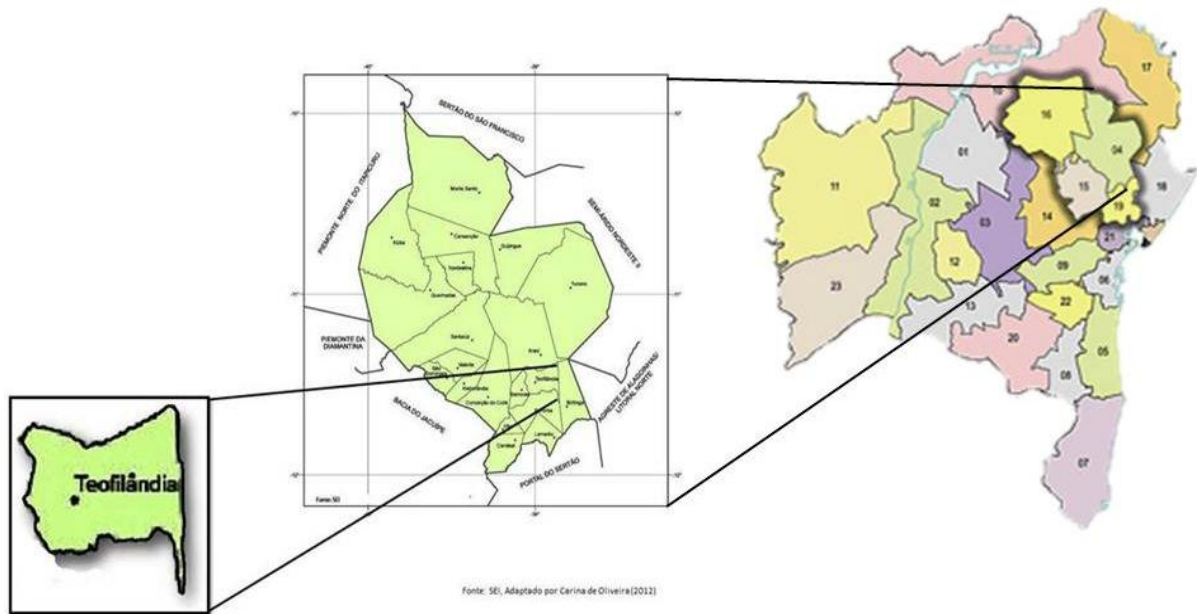


Fig. 1. Localização geográfica do Município de Teofilândia, Bahia, inserido na Região o Sisal.



Fig. 2. Núcleo da comunidade Bola Verde, Município de Teofilândia, Bahia





Fig. 2.a. Ruas principais da comunidade Bola Verde, Município de Teofilândia, Bahia.

O município tem clima do tipo megatérmico semi-árido, com temperatura média anual de 23.4°C, com 600 a 800 mm de precipitação pluviométrica e período chuvoso de maio a julho. Apresenta vegetação nativa de caatinga arbórea aberta com palmeiras e de contato cerrado-caatinga. Parte da vegetação nativa foi substituída por pastos e culturas cíclicas, o que provocou o surgimento de pequenos fragmentos dessa vegetação (BRASIL, 2005).

#### **4.2. Entrevistas**

As entrevistas aplicadas foram do tipo semi-estruturadas seguindo a definição de De La Cruz Mota (1997) e feitas entre os meses de abril e agosto de 2011. Todas as residências foram visitadas, exceto as desabitadas (êxodo rural) ou moradores ausentes no momento da visita. A seleção dos entrevistados foi realizada de forma aleatória, o primeiro a se apresentar como morador era entrevistado, no entanto, na maioria das vezes a entrevista era conduzida para a matriarca ou pessoa mais idosa da residência. Inicialmente foi feito uma breve explicação sobre o levantamento. Utilizou-se gravador e transcrição de informações importantes. Para preservar a



identidade dos informantes foram reveladas apenas as iniciais do nome e sobrenome.

O questionário aplicado às autoridades locais - prefeito e secretário do meio ambiente foi elaborado depois de finalizadas as entrevistas com a comunidade para observar a real situação retratada pela comunidade e as justificativas dadas pelas autoridades.

Os questionários e o termo de autorização de uso de imagem e depoimentos do trabalho encontram-se no Anexo 1.

### **4.3. Coleta e Preparação do material botânico**

A coleta foi realizada de acordo com as normas técnicas descritas na literatura (FIDALGO E BONONI, 1989). Todos os materiais obtidos próximos as residências (quintis, varandas, roçados) eram coletados ao fim das entrevistas, possibilitando que o entrevistado fosse a campo demonstrar as espécies citadas por ele. As espécies coletadas em áreas de caatinga fechada foi necessário a ajuda de um informante. Foram feitos registros fotográficos de todas as espécies.

A identificação foi realizada por meio de comparação com o acervo do Herbário da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (HURB), consultas a especialistas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e literatura especializada como as de Stasi, 2002; Martins, 2000; Lorenzi, 2008 entre outras.

### **4.4. Retorno à comunidade**

Iniciou-se uma semana antes da data prevista para a reunião com a distribuição de convites à comunidade, com o objetivo de apresentar os resultados e agradecer a participação dos moradores. Por meio de apresentação audiovisual, a reunião foi iniciada na escola Municipal Maria Quitéria. Apresentou-se a introdução, objetivo, metodologia, resultados e conclusão. Optou-se por usar muitas fotos e figuras, e linguagem de fácil entendimento durante a apresentação. Foi buscada a interação com os moradores durante toda a reunião através de perguntas e questionamentos.

Depois de enfatizar a importância dos conhecimentos que a comunidade detinha e agradecer a participação de todos foi promovido um “Chá” para a confraternização dos participantes. Foram distribuídos folhetos contendo capa com título e autores do trabalho e quadro com todas as plantas utilizadas pela comunidade, com nome científico, nomes populares e seus usos, e uma cópia do presente trabalho que ficou disponível na escola local.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **5.1. Entrevistas com a comunidade**

Existem cerca de 109 residências na comunidade dentre essas 72 foram encontrado moradores os quais foram entrevistados. A faixa etária apresentada era entre 15 e 86 anos; 64 (88,8%) dos entrevistados eram do sexo feminino. As três classes de faixa etária mais representativas foram entre 51-60 anos (24%), 61-70 anos (20%) e 21-30 anos (19%) (fig. 3). Foi observado que pessoas mais idosas, com idade acima de 50 anos, detinham maior conhecimento sobre as plantas medicinais, um resultado esperado (Phillips & Gentry, 1993).

Quanto à origem, 97% dos moradores dizem ter permanecido na zona rural desde o seu nascimento; todos cultivam espécies medicinais. Apenas um entrevistado comentou que costuma comprar algumas ervas por não conseguir cultivar em seu quintal.

O costume de cultivar plantas medicinais é extremamente importante para a conservação das espécies vegetais, pois a retirada de espécies nativas de seu ambiente natural, muitas vezes, leva a diminuição drástica das populações destas espécies (Reis et al., 2003).

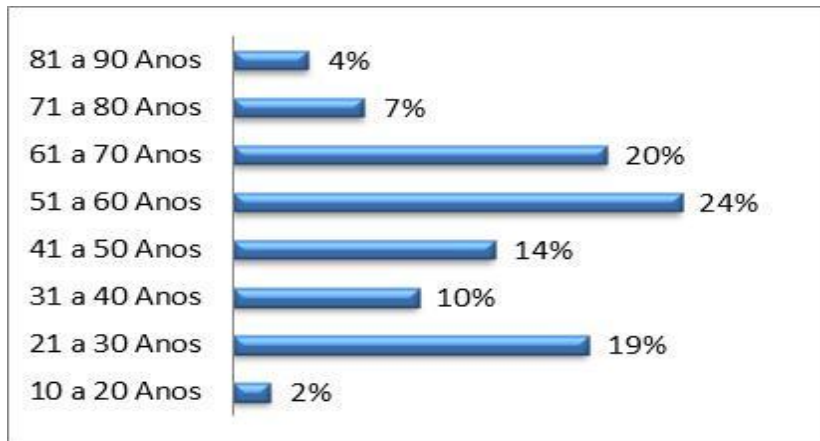


Fig. 3. Faixa etária dos entrevistados na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia.

Muitos moradores relataram que fazem uso das espécies medicinais devido ao fácil acesso e à economia feita ao utilizarem essas espécies. Eles também reclamam do alto custo dos medicamentos alopáticos. Esses resultados corroboram com os trabalhos de Cruz-Silva (2009) e Rodrigues & Carvalho (2001).

*“Costumo usar as plantas medicinais porque tá pertinho, é só ir no quintal e tirar, a não ser que não se dê, aí tem que ir pra farmácia”*(J. P, 69 anos)

*“É muito importante saber para que servem as plantas, porque assim a gente pode utilizar para várias coisas e economizar o nosso dinheiro, não gastando mais com remédios caros”* (D.A. 15 anos).

Os estudos etnobotânicos trazem grandes contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural (BERTHO, 2005; JORGE & MORAIS, 2003; ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002). Na comunidade de Bola Verde foi possível analisar a preocupação dos seus membros.

*“Quando se vai tirar as entrecasca das prantas tem que ter cuidado para não matar as prantas... mas eu não mato o pé de árvore não do jeito que eu tiro”* ( A.O, 60 anos).”

*“É importante ter as ervas no quintal pra gente e pra os outros, eu mesmo já distribui mais de mil pés de camomila”* (A.G, 67 anos).

Na utilização das partes dos vegetais para o preparo dos remédios caseiros, foi possível destacar as folhas como maioria, seguidas de cascas, flores, raízes, frutos e sementes (figura 4). Resultados semelhantes são encontrados nos trabalhos de Freitas et al (2012); Jesus et al (2009); Borba & Macedo (2006); Franco (2006); Pilla et al. (2006); Pinto et al. (2006); Teixeira & Melo (2006); Vendruscolo & Mentz (2006); Pereira et al. (2005); Amorozo (2002); Silva (2002). Freitas et al. (2012) explica que as folhas tem destaque devido à maior utilização de plantas herbáceas que tem folhas disponíveis todo ano. Almeida et al. (2006), desenvolvendo trabalho no mesmo bioma – Caatinga – apresenta resultados diferentes, nos quais o maior uso são das flores, seguido de folhas e cascas. Entretanto para Albuquerque & Andrade (2002) a casca e caule normalmente são mais utilizados devido ao maior período de oferta destes recursos.

Em alguns casos, diferentes partes de uma mesma planta foram mencionadas para diferentes usos. Como exemplo, pode-se citar laranja (*Citrus aurantium* L.) para a qual um informante relata:

*“O fruto da laranja serve para curar a gripe. Faz o suco, esquenta um pouquinho, mas não deixa ferver e depois toma, já o chá é feito com as folhas, serve para insônia”.* (L.O, 70 anos)

Este fato ressalta a importância do registro da parte da planta utilizada, pois diferentes partes podem possuir diferentes componentes químicos (SANTOS, 2003).

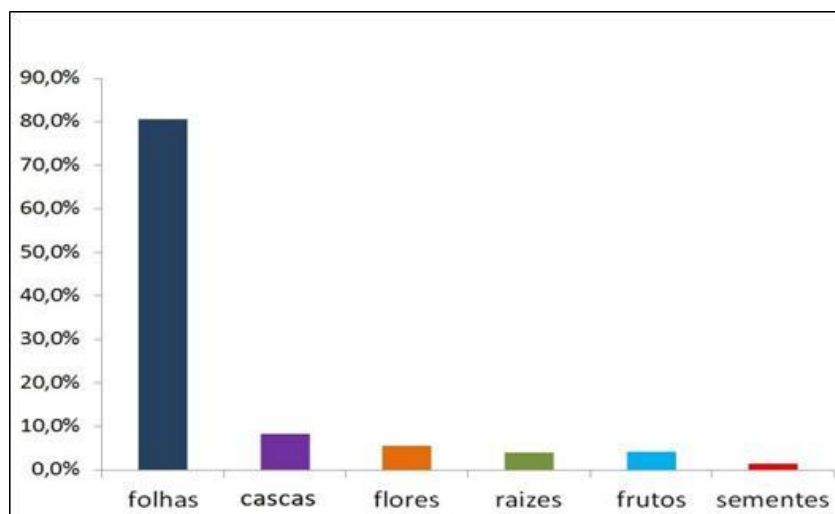


Fig. 4. Partes utilizadas das plantas medicinais pela comunidade Bola Verde.

Conhecer as formas de preparo (figura 5) é importante na pesquisa etnobotânica, pois permite entender qual o órgão ou parte utilizada para determinada afecção. Foram citados como formas de uso chá, banho-de-assento, xarope ou/e lambedor, banho, garrafada, gargarejo e solução alcoólica. Resultados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Cunha & Bortolotto (2011); Franco & Barros (2006); Pinto et al. (2006) e Santos et al. (2008). Os modos de preparo mais utilizados para o chá (figura 6) foram decocção (87,5%) e infusão (12,5%).

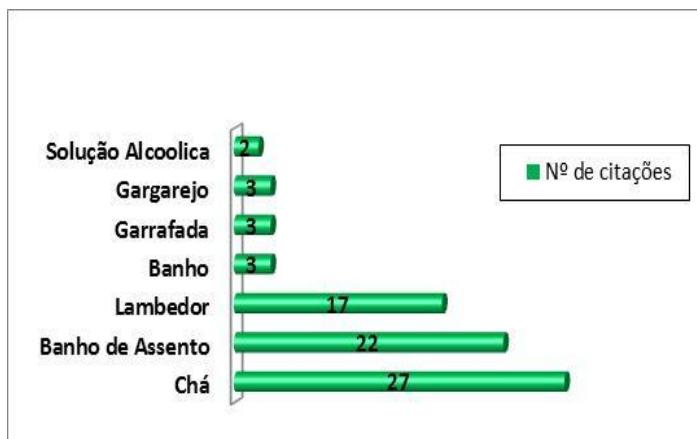


Fig. 5. Formas de preparo das plantas medicinais utilizadas pela comunidade Bola Verde.

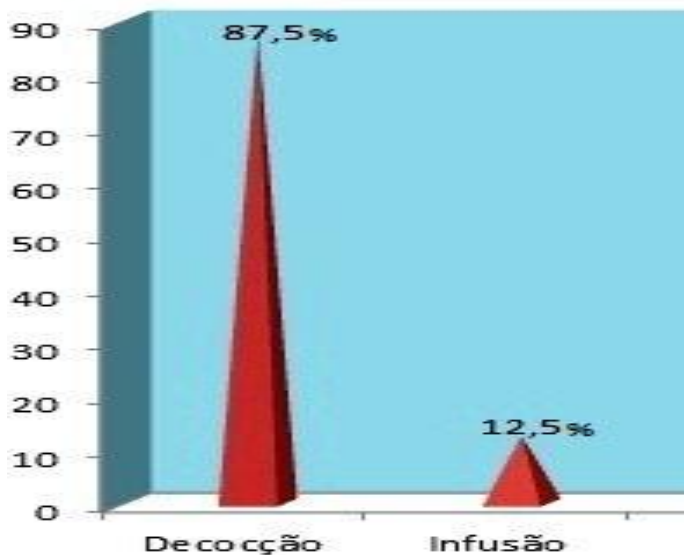


Fig. 6. Os modos de preparo mais utilizados para o chá na comunidade Bola Verde

Existe uma grande preferência da população pelas plantas medicinais (51,6%). Talvez esse índice esteja atrelado ao fato de que os moradores acreditam

que o uso indiscriminado das etnoespécies não traz nenhum prejuízo a sua saúde. Eles alegam que é natural, não tem química e basta ter fé para o resultado ser positivo.

*“As ervas são melhores para nossa saúde porque não tem química...é natural e a gente usando coisas que não tem química é melhor” (M.F, 56 anos).*

*“Prefiro o chá porque os remédios de farmácia tem tóxico” (C.O, 60 anos).*

*“Eu me valo tanto das minhas plantas... os comprimidos tem química, melhora uma coisa e piora outra” (M. C, 59 anos).*

*“As plantas são naturais, você pode beber a hora que quiser, pode beber a vontade, mas sem muitas folhas” (V. O, 56 anos).*

*“O remédio do mato é melhor que o da farmácia porque não tem química, mas uso mais os da farmácia porque o problema que sinto só o de farmácia resolve” (V. S, 60 anos).*

Muitas vezes a utilização das plantas medicinais está ligada as tradições, crenças e as religiões presentes dentro das comunidades. No presente trabalho, 83,3% dos entrevistados declararam-se católicos, 12,5% evangélicos, 1,3% católico/rezadores e 2,7% sem religião definida (figura 7).

*“A minha vó fazia remédio, minha mãe aprendeu e eu também... isso é uma coisa de tradição” (V. S, 60 anos)*

*“Eu uso mais as plantas, porque não pode tomar remédio sem ir ao médico... Tudo é a fé. Sem não tiver fé não melhora!” (P. P, 35 anos).*

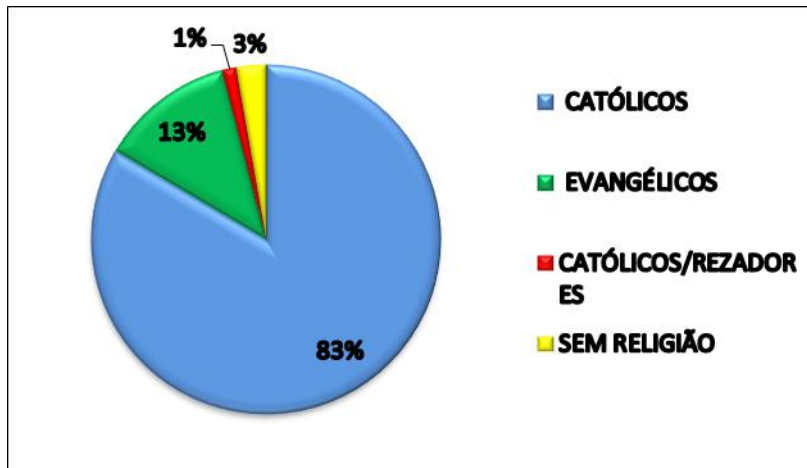


Fig. 7. Religiões dos entrevistados da comunidade Bola Verde.

A população lamenta a inexistência de projetos que valorizem ou ajudem a comunidade a fazer uso correto das plantas medicinais. A maioria revela que seria muito importante, gostaria que existisse e que participaria do desenvolvimento do projeto de alguma forma.

*“Nunca ouvi falarem em nenhum projeto! Acho que não tem.”* (A.L, 23 anos).

*“Seria muito bom se tivesse, né? Porque tem tanta planta no quintal e a gente não sabe pra que serve”* (M.F, 56 anos).

*“Gostaria que tivesse... um benefício pra nós. Todos os remédios é vindo das planta.”* (A.G, 67 anos).

Alguns entrevistados relataram que a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) distribui medicamentos alopáticos. Quanto à distribuição de medicamentos naturais a população não soube informar, a maioria acredita que não tem. Apenas oito informantes (11,1%) afirmaram que alguns médicos indicam o uso das plantas medicinais.

## 5.2. Entrevistas com as autoridades locais (prefeito e secretário)

O prefeito relata que no município não há nenhum projeto com essa temática, mas que seria bastante interessante que existisse, pois traria conhecimento para a

comunidade. Afirma também que a não existência de tal projeto dá-se pela falta de pessoas capacitadas para elaborá-lo e gerenciá-lo. Demonstra preocupação quanto a questão do desmatamento e afirma já está em prática um projeto que produz e distribui mudas para as comunidade.

O secretário de Desenvolvimento, Econômico, Meio Ambiente e Agricultura, Jacó Cordeiro Ferreira, relata que a cidade não tem uma secretaria específica do meio ambiente. Ele afirma que a Prefeitura desenvolve atividades de conscientização quanto ao descarte final do lixo; incentiva, juntamente com o apoio de uma mineradora local, a plantação de hortaliças sem o uso de agrotóxico, e que não há um projeto sobre plantas medicinais por falta de pessoas capacitadas para elaborá-lo e dirigí-lo.

A Secretária de Saúde foi procurada diversas vezes, mas não pode nos receber.

### **5.3. Utilização na medicina popular**

Foram mencionados 61 problemas de saúde. O maior número de espécies medicinais foi indicado para sintomas e sinais relativos ao sistema respiratório (29%) seguido de digestório (22%), nervoso (14,5%), excretor (12%), cardíaco (12%), reprodutor feminino (7,4%), reprodutor masculino (3,1%) (figura 8). Resultados semelhantes encontrados em Franco (2006); Silva-Almeida & Amoroso (1998), Schardong & Cervi (2000). A fala de um entrevistado justifica o grande uso das plantas medicinais para o controle e/ou cura dos problemas de saúde.

*“Para curar a gripe só remédio do mato, quando tem febre aí a gente corre pra farmácia” (A.S, 54 anos).*

*“Em caso de gripe, tosse ou garganta inflamada o melhor é tomar chá, porque são coisas que cura rápido...Derrame, câncer essas doenças braba tem que procurar o médico” (E.A, 29 anos).*

*“Para vento caído usa nanuscada...vento caído é o baço que abre e a bile vai para o estômago”*



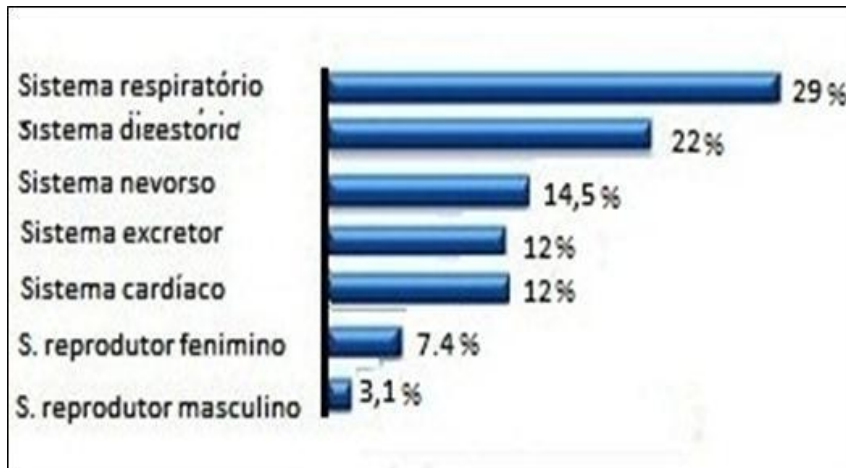


Fig. 8. Percentual de espécies citadas por grupo de doenças da comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia.

#### 5.4. Utilização mística e religiosa

O número de espécies utilizadas pelos entrevistados para cultuar seus deuses, afastar os males e forças sobrenaturais é pouco representativo (8,4%). Foram citadas apenas sete espécies: Pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta* Schott), Espada de Ogum (*Sansevieria trifasciata* Prain), Espada de São Jorge (*Sansevieria cylindrica* Boger), Crista-de-Galo (*Heliotropium indicum* L.), Guiné (*Petiveria alliacea* L.) e Arruda (*Ruta graveolens* L.). Apenas um membro da comunidade identificou-se como católico/rezador.

#### 5.5. Identificação taxonômica e uso

Das 83 plantas medicinais indicadas pela população, 75% são novas citações se comparadas com os dados da SEPLANTEC (1979) para o estado da Bahia. O ineditismo é menor quando comparados com Rodrigues (2006) (69,8%), Sousa (2007) (66,26%), Moreira (2002) (51,8%), Santana (2008) (50,6%), Pinto (2006) (48,2%). De todos esses estudos o presente trabalho apresenta 25 novas citações; Foram identificadas 80,7% até o nível de espécie, 18 delas são nativas; nove em nível de gênero (5 *Croton* sp, 2 *Citrus* sp, 1 *Eleocharis* sp, 1 *Rosmarinus* sp) e sete apenas em nível de família. A identificação de algumas espécies foi dificultada, devido à seca severa pelo qual a região passava durante o estudo. Cinco espécies citadas não são cultivadas na região, mas adquiridas no comércio, por este motivo não foram incluídas no levantamento.

O quadro 1 apresenta as espécies encontradas na comunidade Bola Verde e no Inventário de Plantas Medicinais do Estado da Bahia, realizado em 1979, com os seus nomes populares, nomes científicos, usos, partes empregadas e origem.

A comunidade demonstra a preocupação em identificar as espécies utilizadas, muito não sabem as propriedades terapêuticas das plantas usadas. Outros relatam a importância da pesquisa.

*“É bom saber para que servem as plantas, as vezes a gente pensa que serve para uma coisa, mas na verdade serve para outra” (J. R, 41 anos)*

*“A gente tem planta no quintal e não sabe pra que serve” (M. P, 28 anos).*

*“Tem pessoas que não sabe, essas pessoas da cidade não sabe nada, só a gente da roça”*

*“A pesquisa é importante porque relembra a importância das plantas e assim a gente não tá tomando tanto remédio de farmácia” (M, A, 42 anos).*

*“Acho importante a pesquisa, para não deixar se perder, esquecido no passado o conhecimento das pessoas mais velhas” (R. M, 49 anos).*

*“É importante saber para que tipo de planta serve para tal doença, a gente sabe, mas outras pessoas não sabem” ( M, S, 27 anos).*

Quadro 1. Espécies encontradas na comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia

<b>Nomes populares</b>	<b>Nomes científicos</b>	<b>Usos/Bola Verde</b>	<b>Partes empregada</b>	<b>Originária</b>
Abacate	<i>Persea americana</i> * Mill.	Problemas renais	Folhas, cascas	Antilhas
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i> DC	Gripe	Folhas, frutos	América Central
Alecrim	<i>Rosmarinus</i> * <i>officinalis</i> L.	Gripe, coração, impotência sexual, dor de dente	Folhas	Europa
Alecrim de boio	Verbenaceae	Catapora	Folhas	—
Alecrim-de-tabuleiro	<i>Rosmarinus</i> sp	Gripe	Folhas, raiz	—
Alfazema	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Dor de cabeça, febre	Folhas, flores	África
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Dor do corpo inflamação, cólica uterina, gases	Folhas, frut os	América
Alho	<i>Allium sativum</i> L.*	Derrame, pressão alta e garganta inflamada	Dente do alho,	Ásia Occidental
Alumã	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Dor de estômago, indigestão	Folhas	África
Amora	<i>Morus nigra</i> L.	Pressão alta, menopausa, colesterol, diabetes	Folhas, frutos	Ásia
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell)Brenan	Tosse, garganta	Cascas	Brasil
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Inflamação do útero	Folhas, cascas	Brasil
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.*	Olho grosso	Folhas	Europa
Arrumã	<i>Punica granatum</i> L.*	Gastrite, infecção urinária, inflamação na garganta, áfita.	Folhas, cascas do fruto	África e Ásia Occidental
Artimigio	<i>Artemisia annua</i> L.	Gripe	Folhas	Ásia
Azedinha	<i>Croton</i> sp	Gripe, sinusite, diarreia	Folhas	—
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f, <i>Aloe barbadensis</i> Mill.*	Câncer, tosse, verme, inflamação vaginal, hemorroida (supositório), inflamação no fígado	Folhas	Sul da África

Boa noite, Flor-do-bom- dia	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Dor de dente, bronquite, suspende a menstruação, problemas do coração	Folhas	África - Madagas- car
Boldo	<i>Plectranthus ornatus</i> Cood.	Indigestão, dor de barriga	Folhas	Índia
Brauna	<i>Pterodon polygalaeflorus</i> (Benth) Benth.	Gripe	Cascas	Brasil
Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i> (L) Liebm	Cólica uterina, inflamação na bexiga, dor de barriga.	Folhas	América do Sul
Cabeça de frade	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb	Inflamação em geral	Planta inteira	Brasil
Cajá	<i>Spondias mombin</i> L.*	Inflamação nos rins, problemas coração, febre		África
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.*	Inflamação do útero	Cascas	Brasil
Cana	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Pressão alta, gastrite	Folhas, sumo da cana	Ásia
Canção- favela	<i>Cnidioscolus phyllacanthus</i> (Müll. Arg.)	Câncer de próstata	Raiz	Brasil
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratatus</i> (DC.) Stapf*	Sonífero, calmante, impotência sexual	Folhas	Índia
Carqueja	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Estômago, febre	Folhas, raiz	América
Carro-santo	<i>Argemone mexicana</i> L.*	Inflamação em geral	Raiz	México
Cassutinga	<i>Croton</i> sp	Verme, gripe, ameba	Folhas, casca	—
Cebola- branca	<i>Allium cepa</i> L.*	Conjuntivite, gases(carminativo), inflamação vaginal	Bolbo	Persia
Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	Gripe, dor nas costas, dor de ventosidade.	Casca	Brasil Central
Cerroteiro	<i>Croton</i> sp	Tosse, gripe	Raiz	—
Cicatrizante	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Ferimento	Folhas	América do Sul
Cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Estresse, insônia, gases, dor de	Folhas, flores	Brasil

			barriga, inchaço dos pés, cólica uterina, impotência sexual		
Coentro-bravo	<i>Eryngium foetidum</i> L.*		Impotência sexual	—	Brasil
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott		Descarrego	Folhas	América do Sul e Central
Crista-de-Galo	<i>Heliotropium indicum</i> L.		Olho grosso, descarrego	Folhas	América
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.		Insônia, estresse	Folhas, flores	Europa
Erva doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill		Gases, dor de barriga, cólica	Fruto, raiz e semente	Europa
Espada de Ogum	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hortex Pain.		Olho grosso, descarrego	Folhas, sementes	África
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria cylindrica</i> Skyline		Olho grosso, descarrego	Folhas	África
Espinho-cheiroso, limoeiro-bravo	<i>Citrus</i> sp		Inflamação no útero	Folhas	—
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.		Gripe	Folhas	Tasmânia
Farinha-seca	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Pers.		Inflamação nas uretras, dor nas costas, espinhela caída	Cascas	Brasil
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link		Gripe, desarranjo menstrual	Folhas, raízes	América tropical
Folha-da-costa	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken,		Dor de ouvido, inflamação uterina	Folha	Brasil
Folha-santa	<i>Croton</i> sp		Não lembra para que serve	Folhas	—
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.		Descarrego, olho grosso	Folhas	Brasil
Gingibre	<i>Zingiber officinalis</i> L.		Gripe, inflamação na garganta	Raízes	Ásia tropical
Girassol	<i>Helianthus annus</i> L.		Derrame e vento	Semente	América do Norte
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.		Coceira vaginal	Folha, casca	América do Sul
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.		Pressão alta	Folhas	América tropical

Hortelã Graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Gripe, febre, tosse	Folhas	Nova Guiné
Hortelã miúdo	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Gripe, febre, tosse, cólica, dor de barriga	Folhas	Europa
Hortelã-de-toda-dor, hortelã margoso	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Dor na coluna, gastrite	Folhas	Índia
Imbira	Bombacacece	Dor na coluna	Cascas e semente	—
Jalapa	Convolvulaceae	Ar-do-vento	Semente	—
Juazeiro	<i>Ziziphus jaoeiro</i> Mart.	Coceira na pele, derrame e vento	Folhas e Casca	Brasil
Junco	<i>Eleocharis</i> sp	Inflamação na garganta	Raízes	—
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Gripe, cansaço, asma, sinusite	Semente e raízes	Brasil
Laranja	<i>Citrus aurantium</i> L.*	Gripe, insônia, pressão alta	Folhas, fruto	Índia
Lima	<i>Citrus</i> sp	Icterícia	Folhas e frutos	—
Limão	<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	Gripe, afina o sangue	Folhas e frutos	Tahiti
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.*	Gases, dor de barriga	Folhas, flores e frutos	América tropical
Manjeriço branco; manjeriço roxo	<i>Ocimum basilicum</i> L.*	Gripe, inflamação vaginal	Folhas	Oriente
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims.*	Dor no corpo, estresse	Folhas e frutos	Brasil
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.*	Verme, hematoma, tosse,	Folhas	América, e México
Maxixi	<i>Cucumis africana</i> L.f.*	Diabetes	Folhas e frutos	Ásia
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia monandra</i> Kurz.	Diabetes	Folhas	Brasil
Pau-de-rato	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>cearensis</i> Huber	Gases, dor de barriga, emagrecer	Folhas, flores e cascas	—
Pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>leiostachya</i> Benth	Diabetes, gripe	Cascas e frutos	—

Pega-pinto	<i>Boerhavia Sw *</i> <i>diffusa</i>	Inflamação na bexiga	Raízes	Brasil
Pião-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Ferimento, descarrego	Folhas	Antilhas e América Tropical
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Icterícia	Folha	América tropical
Pinheira	<i>Annona squamosa</i> L.	Indigestão, febre, mal estar, gases	Folhas	Antilhas
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Gripe, asma, febre	Folhas frutos	<sup>e</sup> Brasil
Pracatinha	<i>Commelinaceae</i>	Infecção urinária	Folhas	—
Quioiô	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Gripe, dor de barriga, gastrite, verme, sinusite	Folhas sementes	<sup>e</sup> Oriental
Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D. Penn	Inflamação nos rins e uretras, Inflamação no útero.	Cascas	Brasil
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sarampo, catapora, febre, dor de cabeça, gripe	Folhas flores	<sup>e</sup> Brasil
Salsa-do-mato	<i>Chrysobalanaceae</i>	Coceira na pele	Folhas	—
Transagem	<i>Plantago major</i> L.	Cólica uterina, dor de barriga	Folhas	Europa
Umburana	<i>Bursera leptophocos</i> Mart *	“Aperta”, dor de barriga, dores nas costas	Cascas	Sertões do Brasil
Umburana	<i>Sapotaceae</i>	“Aperta”, dor de barriga, dor nas costas		—
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Cólica uterina, hematoma	Folhas raízes	<sup>e</sup> América tropical

\* Espécies encontradas na comunidade Bola Verde e no Inventário de Plantas Medicinais do Estado da Bahia

## **5.6. Retorno à comunidade**

A maioria (88,8%) dos entrevistados estava presentes na reunião. O público se dividia em adultos (62,5%), crianças (19,4%) e adolescentes (6,9%). Inicialmente os participantes estavam meio dispersos, entretanto curiosos para saber quais os tópicos abordados. Os adultos demonstravam maior interesse dando opiniões e relatos das suas vivências como os usos das plantas medicinais. Poucas perguntas foram feitas, houve uma maior discursão em relação à importância do trabalho e elogios pelo desenvolvimento do mesmo. Ao entregar os folhetos notou-se que os participantes estavam ansiosos para analisar quais as plantas utilizadas para cada problema de saúde e que estavam contentes por observar que os seus saberes tradicionais são importantes.

## **6. CONCLUSÃO**

A comunidade foi muito receptiva, não houve nenhum tipo de resistência quanto à aplicação do roteiro. Foram entrevistados 72 moradores entre eles os idosos apresentavam um maior conhecimento sobre as plantas medicinais. Foram identificadas 83 espécies, 30,12% ainda não haviam sido citadas em trabalhos já desenvolvidos na Bahia.

A comunidade usa plantas consideradas medicinais com finalidade terapêutica, mas também mística e religiosa, embora isso ocorra com poucas espécies (8,4%). A população lamenta a inexistência de projetos que valorizem ou ajudem a comunidade a fazer uso correto das plantas medicinais, demonstrando a necessidade de elaborar políticas públicas com enfoque em plantas medicinais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Acta Bot. Bras**, v.16, n.3, p273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.16, n.3, p273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P; ARAÚJO, T. A. S; SOLDATI, G. T. **O “retorno” das pesquisas etnobiológicas para as comunidades**. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. NUPPEA, Recife, p492, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P; CHIAPPETA, A. A. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **CL & Tróp.**, Recife, v.22, n.2, p197-210, 1994.

ALENCAR, N. L. Farmacopéias Tradicionais. **O papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga**. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, p129, 2012

ALMEIDA, C. F. C. B. R; AMORIM, E. L. C; ALBUQUERQUE, U. P. & MAIA, M. B. S. Medicinal plants popularly used in the Xingó region - a semi-arid location in north-eastern Brazil. **Journal Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.2, n.1, p15-22, 2006.

ALVES, R.R.N., SILVA, A.A.G., SOUTO, W.M.S. & BARBOZA, R.R.D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Rev. Eletr. Farm**, v.4, n.2, p175-198, 2007.

AMOROZO, M. C. M. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di STASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciências - um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, p47-68, 1996.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.16, n.2, p189-203, 2002.

ANDRADE, C. T. S. **Um Estudo Etnobotânico Da Conexão Homem/Cactaceae No Semi-Árido Baiano**. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

ARAUJO, M. M. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no assentamento Santo Antonio, Cajazeiras, PB**. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais). Universidade Federal de Campina Grande, 2009.

AZEVEDO, S. K. S; SILVA, I. M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ. **Acta Bot. Bras**, v.20, n.1, p185-194, 2006.

BATISTA, J. L. **Conhecimentos Tradicionais: Estudos Jurídicos das Legislações e Convenções no âmbito Nacional e Internacional**. Belém: UFPA, 2005.

BERTHO, A. M. M. **Os índios Guarani na Serra do Tabuleiro**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BORBA, A. M; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.20, p771-782, 2006.

BRASIL, **Ministério da Saúde**. Agência Nacional de Vigilância sanitária (ANVISA). Portaria 06 de 31 de janeiro de 1995. Brasília: Diário Oficial da União, 1995.

BRASIL, **Ministério de Minas e Energia**. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por águas subterrâneas: Diagnóstico do município de Teofilândia, 2005.

BRITO, M. A. A estratégia de conservação *in situ* (unidades de conservação) e a conservação das plantas medicinais. In: Coelho, DOMBROSKI, J. L. D; M. F. B.; JÚNIOR, P. C; **Diversos Olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**, p137-149, 2003.

CUNHA, P. A. **Aspectos Históricos Sobre Plantas Medicinais, Seus Constituintes Activos e Fitoterapia**, 2008. Disponível em <http://www.esalq.usp.br>. Acessado em 26 de julho de 2012.

CUNHA, S. A; BORTOLOTTI, L. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, v.25, n.3, p685-698, 2011.

DE LA CRUZ MOTA, M. G. F. **O Trabalho de campo sob a perspectiva da etnobotânica**. Trabalho de qualificação de Mestrado. Cuiabá: ISC/UFMT, 39p, 1997.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

DRUMOND, M. A, et al. **Estratégias para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Caatinga**. Petrolina, 2000.

FALCÃO, H. S, et al. Review of the plants with anti-inflammatory activity studied in Brazil. **Rev. Bras. Farmacogn**, v.15, p381-391, 2005.

FIDALGO, O; BONONI, V.L.R. (Coord.) **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto de Botânica/Governo do Est. São Paulo/Secret. do Meio Ambiente, 1989.

FONSECA, V. S. & SÁ, C. F. C. Situación de los estudios etnobotánicos en ecosistemas costeros de Brasil. In: M. Rios & H.B. Pedersen (eds.). **Uso y Manejo de Recursos Vegetales**. Memorias del II Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica. Quito, p57- 81, 1997.

FONSECA-KRUEL, V. S. **Plantas úteis da restinga: o saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo (RJ)**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006.

FONSECA-KRUEL, V. S; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.18, n.1, p177-190, 2004.

FRANCO, E. A. P; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Rev. Bras. de Pl. Med.** Botucatu, v.8, n.3, p.78-88, 2006.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F.B; MAIA, S. S. S; AZEVEDO, R. A. B. **Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil**, 2012. Disponível em <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1833>. Acessado em 12 de Abril 2012.

GUARIM NETO, G; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Bot. Bras**, v.17, n.4, p 561-584, 2003.

GUARIN NETO, G.; SANTANA, S. R. & BEZERRA DA SILVA, J. V. Notas etnobotânicas de espécies de *Sapindaceae Jussieu*. **Acta Bot. Bras**, v.14, n.3, p327-334, 2000.

HAIDA, K. S, et al. Avaliação in vitro da atividade antimicrobiana de oito espécies de plantas medicinais. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, v.11, n.3, p185-192, 2007.

HARSHBERGER, J. W. Purposes of ethnobotany. **Botanical Gazette**, v.21, p146-154, 1896.

(ISE) International Society of Ethnobiology. **Código de Ética**. Disponível em: <http://www.globaldiversityfund.net/node/503>. Acessado em: setembro de 2012.

JESUS, N. Z. T, et al. Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento, MT, Brasil. **Rev. Bras. Farmacogn**, v.19, p130-139, 2009.

JORGE, S. S. A; MORAIS, R. G. **Etnobotânica de plantas medicinais**. In: COELHO, M.F.B., COSTA JÚNIOR, P.; DOMBROSKI, J.L.D. (Org.). Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais. Seminário de Etnobiologia, Etnoecologia, 1. e Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais, 2. Anais. Cuiabá: Ed. Unicem, p89-98, 2003.

LEITE, F. M. **A Apropriação dos Conhecimentos Tradicionais Associados à Biodiversidade: Uma Análise do Debate Legislativo Brasileiro Diante da Institucionalização do Problema na Agenda Internacional**. 2009. Disponível em: <http://www.cedin.com.br/revistaeletronica/volume5/>. Acessado em 30 de junho de 2012.

LIMA, A; BENSUSAN, N. orgs. **Quem Cala Consente? Subsídios para a proteção aos conhecimentos tradicionais**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2003.

LIMA, I. O, et al. Atividade antifúngica de óleos essenciais sobre espécies de *Candida* Universidade Federal da Paraíba, **Rev. Bras. Farmacogn**, v.16, n.2, p197-201, 2006.

LIMA, R. X. **Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da área de proteção ambiental de Guaraqueçaba Paraná, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

LORENZI, H; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil Nativa e Exóticas** 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MARCIEL, M. A. M; PINTO, A. C; VEIGA JR, V. F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Quim. Nova**, v.25, n.3, p429-238, 2002.

MELO, J. G, et al. Qualidade de produtos a base de plantas medicinais comercializados no Brasil: castanha-da-índia (*Aesculus hippocastanum* L.), capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf ) e centela (*Centella asiatica* (L.) Urban). **Acta Bot. Bras**, v.21, n.1, p27-36, 2007.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). Portaria IBAMA nº 37-N, de 03 de Abril de 1992. Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção. Ministério de Meio Ambiente, 1992. Disponível em [http://www.mma.gov.br/estruturas/179/arquivos/179\\_05122008033627.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/179/arquivos/179_05122008033627.pdf). Acesso em junho 2012.

MOREIRA, R. C. T, et al. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farm. Bonaerense**, v.21, n.3, 2002.

NUNES, G. P, et al. Plantas medicinais comercializadas porraizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Rev. Bras. Farmacogn**, v.13, n.2, p83-92, 2003.

OLIVEIRA, F. C, et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.23, n.2, p590-605, 2009.

PATZLAFF, R. G; PEIXOTO, A. L. **O conhecimento sobre plantas de uso medicinal na Capoeira Grande, Pedra de Guaratiba. Rio de Janeiro**: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical. Folder, 2007.

PEREIRA, C. O; LIMA, E. O; OLIVEIRA, R. A. G; TOLEDO, M. S; AZEVEDO, A. K. A, GUERRA, M. F; PEREIRA, R. C. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais utilizadas em dermatologia na cidade de João Pessoa-Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med**, v.7, p9-17, 2005.

PHILLIPS, O. & GENTRY, A. H. The Useful Plants of Tamboapata, Peru: II. Additional Hypothesis Testing in Quantitative Ethnobotany. **Economic Botany**, v.47, p33-43, 1993.

PILLA, M. A. C; AMOROZO, M. C.M; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.20, p789-802, 2006.

PINTO, P. P. E; AMBROZO, M. C.de M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itararé, BA, Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.20, n.4, 2006.

PITMAN, V. **Fitoterapia**. As plantas medicinais e a saúde. Lisboa: Estampa, 1996.

POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: **Seminário internacional sobre meio ambiente, pobreza e desenvolvimento da Amazônia**, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará, p112-117, 1992.

PUCCI, L. L. **Atividade da toxicidade oral aguda e das atividades diurética e antioxidante da *Rudgea viburnoides* (CHAM)** - Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Federal de Goiás, 2009.

REIS, M. S.; MARIOT, A.; STEENBOCK, W. Diversidade domesticação de plantas medicinais. In: SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E.P.; GOSMAN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. (Ed.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5. ed. Porto Alegre/Florianópolis: Editora da UFRGS/Editora da UFSC, p45-74, 2003.

RODRIGUES, A. C. C; GUEDES, M. L. S. Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Rev. Bras. Pl. Med**, Botucatu, v.8, n.2, p1-7, 2006.

SANTANA, D. L.; PREZA, D. L. C; ASSIS, J. G. A; GUEDES, M. L. S. Plantas Com Propriedades Terapêuticas Utilizadas Na Comunidade De Campos, Amélia Rodrigues, Bahia, Brasil. **Magistra**, Cruz das Almas-BA, v.20, n.3, 2008.

SCHARDONG, R. M. F; CERVI, A. C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro são Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biol. Parana**, v.29, p.187-217, 2000.

SEPLANTEC - BA. Inventário de plantas medicinais do estado da Bahia. SEPLANTEC, Salvador, BA. 1201p, 1979.

SHIVA, V. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SIEBER, S. S, ALBUQUERQUE, U. P. **Métodos participativos na pesquisa etnobiológica**. Em Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFC Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. NUPEEA. Recife, Brasil, p 83-106, 2010.

SILVA, J. A; BÜNDCHEN, M. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina. **Unoesc & Ciência – ACBS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, 2011.

SILVA, M. S. **Uso e Avaliação Farmacológica de Plantas Medicinais Utilizadas na Medicina Popular do Povoado Colônia Treze em Lagarto/SE. 2003**. Disponível em [http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT02/GTMariaSilene.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT02/GTMariaSilene.pdf). Acessado em 07 de julho de 2012.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2002.

SILVA, S. N. **Estudo etnobotânico em urucueiro com vistas à conservação on farm e ao melhoramento participativo**. Dissertação (mestrado em Agronomia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2008.



SILVA-ALMEIDA, M. F.; AMOROSO, M. C. M. Medicina popular no Distrito de Ferraz, Município de Rio Claro, Estado de São Paulo. **Brazilian Journal of Ecology**, v.2, p36-46, 1998. Disponível em: <http://www.seb-ecologia.org.br/revista2/art5.html> acessado em 01 de outubro 2012.

SOUSA, C. G.; ARAÚJO, B. R. N; SANTOS, A. T. P. Inventário Etnobotânico de Plantas Medicinais na Comunidade de Machadinho, Camaçari-BA. **Rev. Bras. de Bioc**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 549-551, 2007.

SOUSA, R. S. **Etnobotânica e etnozootologia de comunidades pesqueiras da Área de Proteção Ambiental (APA) do delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Piauí, 2010.

SOUZA, C. D. & FELFILI, J. M. The utilization of medicinal plants in the region of Alto Paraíso of Goiás, GO, Brazil. **Acta Bot. Bras**, v.20, p135-142, 2006.

STEENBOCK, W. **Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público**. In: KUBO, R. R; BASSI, J. B, COELHO, S. G; ALENCAR, N. L., MEDEIROS, P. M., ALBUQUERQUE, U. P. Atualidades de etnobiologia e etnoecologia, v.3. Recife, NUPPEA Ed/ SBEE, 2006.

TEIXEIRA, A. S; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia**, v.61, p5-11, 2006.

TOMAZZONI, M. I; NEGRELLE, R. R. B; CENTA, M. L. **Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v.15, n.1, p115-121, 2006.

VENDRUSCOLO, G. S & MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **iheringia**, Sér. Bot., Porto Alegre, v. 61, n. 1/2, p83-103, 2006.

**ANEXO 1.**

## ROTEIRO APLICADO AS AUTORIDADES LOCAIS

- 1) No município existe algum projeto ou atividade que auxilia a comunidade a utilizar as plantas medicinais? Quais são eles? \_\_\_\_\_
- 2) Quando foi iniciado? \_\_\_\_\_
- 3) Quem criou? \_\_\_\_\_
- 4) Quais os responsáveis por administrá-los atualmente? \_\_\_\_\_
- 5) Quais as comunidades beneficiadas? \_\_\_\_\_
- 6) Pretende expandir para mais localidades? Quais? \_\_\_\_\_
- 7) Houve algum benefício? Quais? \_\_\_\_\_
- 8) Você acha importante a elaboração de um projeto que venha a ensinar as comunidades rurais a utilizarem as plantas de forma correta? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 9) O que falta para esse projeto ser elaborado e posto em prática?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 10) Para o senhor é interessante fazer parceria com universidades já que a cidade carece de pessoas capacitadas para desenvolver um projeto desse tipo e a universidade dispõe desse conhecimento?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 11) De que forma a prefeitura auxiliaria nesse projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 12) Algum componente da câmara já cogitou a possibilidade de realizar algum projeto etnobotânico? \_\_\_\_\_
- 13) O senhor já sugeriu para que eles elaborassem um projeto desse tipo? \_\_\_\_\_
- 14) O senhor conhece o desejo que a comunidade de Bola Verde tem sobre a realização de um projeto que ensine a utilizar as plantas de forma mais segura?

- 15) O que você sugere para essa comunidade consiga colocar um projeto desse tipo em prática? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 16) Existe alguma política educacional que oriente os pequenos agricultores a utilizar os recursos vegetais de forma sustentável? Quais são elas? \_\_\_\_\_

## Roteiro aplicado à comunidade de bola verde

Nome:	O (a) senhor (a) utiliza plantas medicinais?
	Quais as plantas que tem no seu quintal?
Idade:	Utiliza plantas que nasce na roça, no mato, planta que nasce sozinha?
Religião:	
	De onde vem o conhecimento popular das plantas medicinais?
Localidade:	
	Quais as partes da planta que o(a) senhor(a) utiliza?
Profissão:	
	Como que o (a) senhor(a) usa essas plantas?
	Como é o preparo desse chá, banho ou outras formas de administração?
	Além das p. medicinais o(a) senhor(a) utiliza outros medicamentos? ( )sim ( )não
	Com que frequência o(a) senhor(a) faz uso desse medicamento?
	O (a) senhor (a) prefere usar as plantas medicinais ou usar medicamentos sintéticos, ou seja, remédios de farmácia? Por quê?
	O(a) senhor(a) sabe se os órgãos públicos, prefeitura, secretaria de saúde, entre outros, desenvolvem projetos que valorizem ou ajudem as pessoas a fazerem o uso correto das plantas medicinais?
	O (a) senhor (a) gostaria que tivesse algum projeto que ajudasse a fazer o uso correto das plantas medicinais? Um projeto que ensinasse como usar, como plantar, onde plantar, como colher.
	Você participaria de alguma forma desse projeto de modo que venha a contribuir para o bom uso das plantas medicinais em sua localidade?

	O (a) senhor(a) conhece alguém que saiba como fazer o uso de forma adequada das plantas medicinais, plantar, colher e identificá-las?
	Caso o(a) senhor(a) conhecesse melhor as plantas medicinais passaria usá-las mais no seu dia-a-dia?
	A secretaria de saúde distribui medicamentos sintéticos, ou seja, remédios de farmácia. O (a) senhor(a) sabe se ela distribui algum tipo de plantas medicinais?
	Os médicos costumam receitar o uso de plantas medicinais?
	Você acha que esse tipo de pesquisa é importante? Por quê?

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos,  
procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar  
ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no  
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do  
presente termo, os pesquisadores, Carina de Oliveira e Márcio Lacerda Lopes  
Martins, do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Levantamento  
Etnobotânico da Comunidade Bola Verde, Teofilândia, Bahia**” a realizar as fotos  
que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus  
financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou  
depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e  
transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados,  
obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças  
e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990),  
dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência  
(Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Teofilândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---

Pesquisador responsável pelo projeto

---

Sujeito da Pesquisa

---

Responsável Legal (Caso o sujeito seja menor de idade)